

## As referências a Cícero no Livro V da *Poética* de Júlio César Escalígero

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO  
Univ. Católica Portuguesa – Braga  
antmelo@braga.ucp.pt

**Resumo:** O objectivo deste estudo é propor uma reflexão acerca da relação entre o ciceronianismo e as referências a Cícero, no Livro V da *Poética* de Júlio César Escalígero. Cícero é eleito como modelo ético, que visa superar o próprio imperador César Augusto.

**Palavras-chave:** Humanismo; poética; Cícero; Escalígero; Jerónimo Osório.

**Abstract:** The purpose of this study is to propose a reflection about the relation between the literary movement known as *Ciceronianism* and the references to Cicero on the Book V of Scaliger's *Poetics*. Cicero is elected as an ethical model, which aims to overcome the Roman emperor Augustus Caesar.

**Keywords:** Humanism; poetics; Cicero; Scaliger; Jerónimo Osório.

Júlio César Escalígero (1484-1558) é um notável polígrafo italiano, natural de Pádua, onde frequentou a universidade e obteve o seu doutoramento *in Artibus*, em 1519; presumivelmente, também terá alcançado, por este tempo, uma graduação em medicina, como há muito adiantou Billanovich (1964)<sup>1</sup>. Estes estudos são atributos que, sem dúvida, propiciam a sua aspiração a “homem universal”, uma dimensão apenas compreensível à luz da mundividência do renascimento humanístico, como já o sublinhou A. López Eire<sup>2</sup>. Porém, este humanista havia de ganhar celebridade a partir da sua propensão filológica, que atinge o seu ponto mais alto nos *Poetics Libri Septem*, que vieram a lume numa edição póstuma de 1561,

---

\* Este trabalho foi produzido no âmbito da UID/FIL/00683/2013, Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos 2015-2017, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

<sup>1</sup> Se para a sua graduação em artes, há o testemunho de um documento presente na cúria episcopal desta cidade italiana, *in artibus spectabilis et eximii domini Iulii, filii domini Benedicti Bordoni*, referenciado por Billanovich 1964: 254, já o mesmo não sucede para a sua graduação em medicina.

<sup>2</sup> López Eire 2007: 11.

simultaneamente na cidade francófona de Lião e em Genebra, a que se seguiriam mais cinco reedições (1581, 1586, 1594, 1607 e 1617), o que pode explicar a sua grande influência até ao séc. XVIII, como já o afirmaram Sánchez Marín e Nieves Martín<sup>3</sup>.

Sinais clarividentes desta celebridade da *Poética* de Júlio César Escalígero podem colher-se numa recomendação aos professores de Humanidades, a segunda de cinco classes, do Colégio Romano. Segundo François de Dainville<sup>4</sup>, o mestre jesuíta Diego Ledesma (1519-1575), natural de Segóvia, num texto anterior a 1575, fala da necessidade de se observar, nos poetas, o estilo, as liberdades que não se devem imitar, as figuras, enfim, a arte poética e as leis da poesia, e de que maneira elas são observadas pelo autor. Para uso dos mestres, recomenda as artes poéticas de Aristóteles, de Horácio, de Dionísio de Halicarnasso, de Escalígero, assim com também as artes poéticas de Antonio Sebastiano Minturno, de Girolamo Vida e de Giovan Battista Giraldis Cinzio. Há, porém, outras notícias que apontam para uma proibição do uso do manual de Júlio César Escalígero nos Colégios da Companhia de Jesus, como há muito o referiu Michel Simonin. Tratou-se de uma determinação exarada pelo mestre jesuíta António Possevino, como se pode ler no capítulo consagrado à *Poética*, incluído na sua *Bibliotheca selecta de ratione studiorum*, editada em Roma, pela primeira vez, corria o ano de 1593<sup>5</sup>. Ora esta disposição escolar aponta para a subordinação da poesia em relação à eloquência, pois, em pleno século XVI, o objetivo dos estudos literários nos colégios jesuítas era *ad perfectam eloquentiam pervenire*<sup>6</sup>. Uma atitude em consonância com o espírito da época, que centrava a sua atenção numa pedagogia escolar que visava a preparação do homem para uma intervenção cívica activa. O que, desde logo, nos conduz para a percepção da importância que assume a ligação entre eloquência e a actividade política. Daí a centralidade reservada ao estudo modelar dos discursos de Cícero, donde se podiam usufruir de valiosos ensinamentos da sua teoria oratória<sup>7</sup>.

Um dos marcos, talvez dos mais impressionantes, desta tendência de Escalígero para as Artes é a sua réplica arrebatada ao *Ciceronianus* de Erasmo de Roterdão, um diálogo saído dos prelos de Johann Froben, em 1528, em Basileia, e que fazia a apologia de uma *latinitas* menos subserviente à *imitatio ciceroniana*. Em primeiro lugar, com a *Oratio pro M. Tullio Cicerone contra Desiderium Erasmum Roterodamum* (Paris, 1531), um discurso que supõe o mito de uma Idade de Ouro para a Língua e Literatura Latinas, que se identificava com a época de Cícero e de Virgílio, nas Letras, e de Augusto, na política. Bem se pode dizer, pois, que Júlio César Escalígero faz parte daquela fase mais extremista do ‘Ciceronianismo’ e mais antierasmiana que se pode conceber, como observa judiciosamente o saudoso professor salmantino A. López Eire<sup>8</sup>. Quando em 1537 aparece o segundo discurso, *Adversus Desiderii Erasmi Roterodami Dialogum Ciceronianum Oratio Secunda*, já Erasmo tinha falecido, precisamente no ano anterior. Esta *latinitas* ciceroniana, que conheceu o seu apogeu nos pontificados de Júlio II e Leão X, viria a declinar com o advento da arte oratória

<sup>3</sup> Sánchez Marín e Nieves Martín 2007: 99.

<sup>4</sup> Dainville 1978: 173.

<sup>5</sup> Simonin 1985: 54-55.

<sup>6</sup> Dainville 1978: 173.

<sup>7</sup> Miranda 2009: 21.

<sup>8</sup> López Eire 2007: 29.

cristã, propugnada pelo Concílio de Trento e que terá no Cardeal italiano Carlos Borromeu, natural de Milão, um dos seus principais impulsionadores, a quem não será indiferente o manual augustiniano *De doctrina christiana*: “padoxalmente, le recul du ‘ciceronianisme’, le rejet d’un culte ‘païen’ et exclusif de la forme, s’accompagne d’un véritable triomphe de l’Eloquence, élevée à la dignité d’office sacerdotal et apostolique”<sup>9</sup>.

Em carta dirigida ao nosso humanista Damião de Góis, o humanista dos Países Baixos dá conta de alguma mágoa sua diante de tão numerosos ataques à sua postura filológica, apodando depreciativamente os seus autores “de uns quantos jovens ociosos” (*Sunt aliquot iuvenes male feriat*). Citamos o passo da carta proveniente de Friburgo e datada de 21 de Maio de 153 a partir da *Correspondência Latina* de Damião de Góis, em boa hora compendiada, traduzida e criteriosamente anotada por Amadeu Torres:

Prodiit et alius libellus, cui titulus Cicero relegatus et Cicero ab exilio reuocatus, qui tamen me non magnopere petit. In eo Cicero odiosissime laceratur, frigide defenditur. Et alius paratus, cui titulus, Bellum ciuile inter Ciceronianos et Erasmicos, quasi ego sim hostis Ciceronis. Aiunt et Doletum quandam in me scribere. Minitatur nescio quid et Iulius Scaliger. Sunt aliquot iuvenes male feriat, qui conspirarunt in Italiam et Ciceronis hostem. Nec desunt artifices, qui instigant partim odio mei, partim ut aliena fruantur insânia.

(Saiu ainda um opúsculo com o título – Cícero banido e Cícero repatriado, o qual todavia não investe muito contra mim; nele é Cícero odiosissimamente lacerado, friamente defendido. Outro se aprestou, denominado Guerra civil entre Ciceronianos e Erasmianos, qual se eu fora hostil a Cícero. Diz que igualmente um certo Dolet escreve em meu desfavor. Alveja-me não sei com que ameaças também Júlio Escalígero. Enfim, uns quantos jovens ociosos, que conspiraram contra a Itália e contra o adversário de Cícero. Nem maquinadores faltam que os instiguem, em parte por aversão a mim, em parte para gozarem da alheia insânia)<sup>10</sup>.

Ora é no rasto desta querela do ciceronianismo que se devem situar as referências a Cícero no Livro V da *Poética* do humanista franco-italaiano Júlio César Escalígero. A primeira delas, logo a abrir o Livro V, no primeiro capítulo. Diz ele:

Barbari uero cum Ciceronis imitationem odiose sustulissent, paria sane fecere, ut qui nos ab illius imitatione dehortarentur, effecerint, ut ne se dignos quidem putauerit quispiam quos imitaretur<sup>11</sup>.

9 Fumaroli 2002: 140-143.

10 Torres 2009: 214-215. Como é anotado pelo autor, o primeiro opúsculo é de Ortensio Lando, Lyon, 1534; o seguinte é de Gaudenzio Merula. Depois, adianta um esclarecimento a Estêvão Dolet, defensor do ciceronianismo, na linha de Paulo Cortesi e autor do ‘fogos’ *Erasmianus siue ciceronianus* (Lyon, 1535).

11 *Poetices* V.1 [Tomo IV, pág. 42, lin. 14 - lin. 17]. Para a elaboração deste artigo, seguimos esta edição: *Iulius Caesar Scaliger, Poetices Libri Septem*, Stuttgart-Bad. Cannstatt, 1987. Faksimile-Neudruck der Ausgabe Leipzig von Lyon, 1561 mit einer Einleitung von August Buck. Posteriormente, apareceu a edição e tradução alemã integrais: Deitz, L. und Vogt-Spira, G., *Iulius Caesar Scaliger. Poetices libri septem. Sieben Bücher über die Dichtkunst*. Unter Mitwirkung von M. Fuhrmann herausgegeben von... 5 vols., Stuttgart-Bad Cannstatt, 1994-2003. As citações serão anotadas por esta edição, entre colchetes.

(Os Bárbaros, porém, tendo suprimido, de forma odiosa, a imitação de Cícero, sem dúvida alcançaram um resultado de igual mérito: da mesma forma que nos dissuadiam da sua imitação, também eles fizeram com que ninguém os tenha considerado dignos de serem imitados)<sup>12</sup>.

Depois de ter procedido a uma exposição pormenorizada da teorização poética (*Poeticae partes omnes recte ut spero atque exacte satis exsecuti sumus*)<sup>13</sup> nos quatro livros anteriores, a qual vai ser completada no último livro deste tratado, Escalígero vai, agora, focalizar-se na questão da *imitatio*, isto é, num dos processos que há-de conduzir à formação perfeita do poeta. Mas esta via, por si só, não é suficiente, é imperioso que se lhe junte, simultaneamente, o *iudicium*, isto é, o juízo crítico e que ambas se exerçam de forma metódica e racional (*ut ex his praeceptis poetam perficiamus idque duplici via ac ratione, imitatione scilicet ac iudicio*)<sup>14</sup>. Na verdade, o exercício do juízo crítico é imprescindível para a eleição dos modelos a imitar, pois, para Escalígero, bem se pode dizer que as pessoas do seu tempo mais se parecem com estrangeiros na língua de seus pais (*qui tempestatum iniuria in lingua patria peregrini sumus*)<sup>15</sup>.

Tudo isto antes de avançar para um estudo comparativo de poetas latinos e gregos, segundo conjugações várias, e, depois, dos mesmos temas tratados por poetas diferentes de ambas as culturas, orientado pela máxima de saber se aquilo que foi dito pelos Antigos não poderia ter sido dito de uma forma ainda mais perfeita (*ut quod ab antiquis dictum an melius dici queat dispiciamus*)<sup>16</sup>.

Na portada deste livro, digamos assim, sente-se alguma sanha nas palavras de Júlio César Escalígero. Uma atitude muito intransigente na defesa do ciceronianismo e que vai alcançar um vigor reforçado desde a publicação do seu *De causis linguae Latinae libri tredecim*, publicados em Lião em 1540, com um prefácio dirigido a seu filho Sílvio. Convém notar que o humanista paduense, nesta altura, já se encontrava na comuna de Agen, região da Aquitânia francesa, onde fixara residência desde 1525. Neste seu tratado, a partir do estudo que faz do estilo de Cícero, aponta numerosos erros aos seus predecessores, nomeadamente ao mais ilustre humanista italiano do assim designado Primeiro Renascimento<sup>17</sup>. Este compatriota de Escalígero já no seu tempo havia de sustentar vigorosas polémicas com humanistas contemporâneos, como se pode ler no estudo introdutório à edição crítica e tradução do *De Linguae Latinae Elegantia*, pela pena de Santiago López Moreda a propósito de “Valla polemista”<sup>18</sup>:

... el del enfrentamiento que tiene lugar en el ámbito del Humanismo, italiano primero, y europeo después, de dos escuelas: una, que podríamos llamar de línea conservadora, encabezada por Poggio Bracciolini, fiel a las autoridades tradicionales y en franca decadencia, y la otra tendencia que pugnaba por asentarse y que en cierta medida empieza su caminar de la mano del método propuesto por el propio Valla en las *Elegantiae*.

12 São nossas as traduções dos textos citados da Poética.

13 *Poetices* V.1 [Tomo IV, pág. 42, lin. 5 - lin. 6].

14 *Poetices* V.1 [Tomo IV, pág. 42, lin. 6 - lin. 7].

15 *Poetices* V.1 [Tomo IV, pág. 42, lin. 13 - lin. 14].

16 *Poetices* V.2 [Tomo IV, pág. 46, lin. 5 - lin. 6].

17 López Eire 2007: 27.

18 López Moreda 1999: 16.

O terceiro capítulo deste Livro V da *Poética* de Júlio César Escalígero, que o humanista de Pádua vai consagrar à comparação entre os dois maiores poetas épicos da Antiguidade Clássica, Homero e Virgílio, quando se encaminha para o seu fim, de novo traz à colação Cícero para, com o seu exemplo, ainda projectar mais a figura de Virgílio, que eleva à categoria de divino – *divinus poeta*, *divinus vir* ou *divinus Maro* – como porfiadamente o designa nas páginas deste Livro. E agora as palavras de César Escalígero:

Haec sunt, quae multo labore descripta maiore iudicii periculo in medium adducta sunt; alia quoque inveniantur quae hisce addi possunt. Verum satis haec putavimus esse ad imitantium utilitatem. Cuius exemplum regula principium finis esse debet nobis Maro. Nam quemadmodum Antonius apud Ciceronem de poetis: «videntur enim ipsi alia lingua quam Latina locuti», ita a nobis de Vergilio dici solet: «ceteri alia lingua quam poetica mihi usi videntur». Vnum tibi, ut excellens sis, proponendum est: electionem summam esse in poeta virtutem et sui fastidium<sup>19</sup>.

(Estes são os passos que foram transcritos, com muito esforço, para serem sujeitos a uma mais rigorosa avaliação do juízo crítico; mas também se poderiam encontrar outros que se podem juntar a estes. Pensámos, contudo, que estes são suficientes para proveito daqueles que se dedicam à imitação. Por isso, Virgílio deve ser, para nós, o exemplo dos princípios, a regra, a meta a alcançar. Com efeito, do mesmo modo que António, em Cícero, diz acerca dos poetas – “eles parecem falar uma língua diferente da latina”<sup>20</sup> – também para nós é habitual dizer-se acerca de Virgílio: “todos os outros poetas parecem ter usado uma língua que não é a da poesia”. Para se tornar excelente, deve estabelecer-se para ti um só princípio: a eleição é, no poeta, o seu mérito mais elevado e também o motivo da sua insatisfação).

E de forma inesperada, ou talvez não, Júlio César Escalígero, logo de seguida, vai retomar o exemplo feminino de persistência, a partir de Aristóteles, para reforçar a ideia de uma imperativa demanda da perfeição, adquirida paulatinamente através da *exercitatio*, numa atitude de espírito que se pode aproximar do espírito agónico dos Gregos antigos, concluindo com uma crítica contundente a Homero, o ‘educador da Grécia’, mas também de Roma, até ao tempo de Horácio:

Mulierem Aristoteles suapte natura *mempsimoiiron* (μεμψιμοιρον)<sup>21</sup> vocat. Talem te esse oportet, ut etiam expetas plus quam possis. Homericam fuge licentiam et laxum dicendi genus. Nihil non probat ille, quod semel meditatus est. Excudere potes aliquot etiamnum loca, ut te ipsum acuas atque adeo incendas ad iudicandum<sup>22</sup>.

19 *Poetices* V.3 [Tomo IV, pág. 300, lin. 22 - lin. 27; pág. 302, lin. 1 - lin. 3].

20 Cic., *De Or.* II.14.61. Júlio César Escalígero parece estar a citar de cor este passo: *poetas omnino quasi alia quadam lingua locutos non conor attingere*. Arist. *HA.* 9.1, 608b 10.

21 Arist. *HA.* 9.1, 608b 10

22 *Poetices* V.3 [Tomo IV, pág. 302, lin. 4 - lin. 8].

(Aristóteles diz que a mulher, por sua própria natureza, é uma insatisfeita com a sua sorte. É necessário que se seja igual a fim de se esforçar ainda mais do que aquilo que se pode. Evitem-se os caprichos de Homero e o seu estilo relaxado. Ele acha bem tudo aquilo em que ele se aplicou uma única vez.)

Após este longo *agon* (ἄγών) entre Homero e Virgílio, em que sai vencedor claramente o vate mantuano, de novo o recurso a Cícero para justificar a opção a Virgílio, agora no início do quarto capítulo. Júlio César Escalígero traz à colação a descrição do vulcão Etna, feita por Píndaro, na ode *Pítica I*, que ocupa o fim do primeiro epodo e a segunda estrofe, versos 19 a 25, e aquela que é protagonizada por Virgílio, na *Eneida*, Canto III, versos 570 a 577. Discute-se se *aithon* (αἶθων, brilhante, resplandecente) foi correctamente traduzido por *candens*, (*candente fauilla*, v. 573), ao que responde o humanista de Pádua: *ad haec (quemadmodum in Originibus dictum est) candens non ab albedine, sed a luce tractum est*, isto é, *além disso, como já o disse nas minhas Origines, candens não deriva de uma ideia de brancura, mas de luz*. E aduz, como prova, um passo de Cícero, do seu *Tratado da República* (I.23), onde Cipião Emiliano narra o episódio do eclipse que antecedeu a vitória de seu pai, Paulo Emílio, em Pidna, derrotando Filipe V da Macedónia, em 168 a. C. Fala ele da superstição e do medo que, repentinamente, se apoderou de todo o exército:

... memini me admodum adulescentulo, cum pater in Macedonia consul esset et essemus in castris perturbari exercitum nostrum religione et metu, quod serena nocte subito candens et plena luna defecisset.

(Recordo-me de que, sendo eu um juvenzinho, quando meu pai, então cônsul, estava na Macedónia e nos encontrávamos num acampamento militar, o nosso exército foi perturbado por superstição e medo pelo facto de, numa noite serena, a Lua cheia e brilhante se ter eclipsado subitamente)<sup>23</sup>.

Mas este passo da *Poética* de Júlio César Escalígero é credor de um estudo mais aprofundado no âmbito da história da *disputatio* filológica, no seio da *Respublica litteraria* do Renascimento Humanista, que ficará para momento mais apropriado.

A última referência a Cícero surge no capítulo XVII deste Livro V da *Poética*. Trata-se, porém, de uma referência indirecta, embora, talvez, a mais forte delas todas, pois nos reenvia para o campo da ética. E aí, Cícero e o ciceronianismo vão triunfar, quer sobre o imperador Augusto, quer sobre o porta-voz dos augustos desejos imperiais, Virgílio, a quem repetidas vezes Júlio César Escalígero apelidara de *divinus*:

At maximus poetarum effudit divinitatem suam, ut deum faceret unum ex tribus carnificibus, Augustum dico, tum Lepidi, tum Antonii praedem immanitatis. Quem fac innocentiae plenum, a qua longe fuit alienus; quare optimum poetam nobiliorem se civem relegat Ovidium propter suae filiae impudicitiam? Quid igitur ille caeli afficit honoribus, qui ne terra quidem fuit dignus<sup>24</sup>?

<sup>23</sup> Oliveira 2008: 87.

<sup>24</sup> *Poetics* V.17 [Tomo IV, pág. 720, lin. 16 - lin. 22].

(O maior dos poetas, porém, havia difundido por todos os lados a sua divindade, a fim de fazer nascer um único deus a partir de três carrascos, quero eu dizer Augusto, fiador da crueldade tanto de Lépido como de António. Admitamos que isto o torna completamente inocente, pois esteve bastante arredado: por que razão é que ele envia para o exílio Ovídio, um excelente poeta e um cidadão mais nobre que ele, por causa do comportamento imoral da sua filha<sup>25</sup>? Por que razão, pois, é que Virgílio concede as honras do céu a um homem que, na verdade, nem mesmo na terra delas foi digno?).

A formação do 2.º triunvirato entre os três, em 43 a. C., permite a cada um deles livrar-se dos seus inimigos pessoais. Cícero, que havia pronunciado as catorze *Philippicae Orationes*, favorecendo Octaviano, sobrinho e herdeiro de César, não obstante, havia de sucumbir ao ódio do triúnviro Marco António. E neste contexto político irremediavelmente adverso ao grande orador romano, o arreigado ciceronianismo de Júlio César Escalígero condu-lo à elevação de um modelo ético, o modelo emanado da obra de Cícero, que se sobrepõe claramente ao de Octávio Augusto. E é por esta via que se alcança a ponte com o ‘Cícero português’, que com tanta acribia se define nestas palavras de Nair Castro Soares (2010: 144) a propósito do seu tratado *De regis institutione et disciplina*:

E, dentro dos princípios humanísticos ético-políticos, que não diferem dos do Arpinate – embora direccionados tantas vezes interventivamente à realidade do país e do seu monarca –, na expressividade e riqueza vocabular, rítmica e semântica do seu latim, o “Cícero português” concretiza a união do *dulce* e do *utile*, ao serviço da tripla finalidade do discurso, *docere, mouere et delectare*, tal como Cícero, o Pai do Humanismo<sup>26</sup>.

Tradicionalmente, é muito sublinhada esta imagem de Cícero enquanto homem da vida pública, em Roma, como grande orador e pensador, descurando-se um aspecto talvez não menos importante no seu legado, que foi a sua preocupação com a formação ética dos jovens, como fica bem claro na sua última grande obra, publicada no Outono de 44 a. C., o tratado *De officiis*, um assunto objecto de aturado estudo por Terence J. Husband, sob a supervisão de John W. O’Malley, S. J.<sup>27</sup> E é esta função ética que parece reluzir neste passo da *Poética* de Júlio César Escalígero, parafraseando as palavras de López Eire, que acrescenta, logo de seguida: “nuestro Julio César dice, en efecto, que la poesía sirve, entre otras cosas, para que la vida humana se haga más ordenada (*ut scilicet vita humana compositor fiat*)”<sup>28</sup>. Para além de argumentos internos à própria obra, este outro, de ordem externa, reforça o nosso entendimento: o humanista antepõe à *Poética* uma carta dedicatória ao seu filho Sílvio, um jurista de formação, num gesto em tudo semelhante ao de Cícero, que já havia dedicado aquele seu tratado ao filho Marco Túlio Cícero Menor, que, na

25 Ovídio morreu nas margens do *Pontus Euxinus* (Mar Negro), a 17/18 d. C. Para ali havia sido obrigado a partir dez anos antes, por ordem de Augusto. Segundo se crê, os amores ilícitos da filha do imperador, Júlia, de que Ovídio seria cúmplice, a tal o haviam de obrigar.

26 Soares 2010:144.

27 Husband 2013.

28 López Eire 2007: 309; *Poetics* III.1 [Tomo II, pág. 60, lin. 10 - lin. 11].



época, estava na cidade de Atenas, com a finalidade de estudar filosofia. Por último, para melhor se compreender esta opção de César Escalígero, não será despidendo levar em conta o contexto cultural que se vivia naquela época, em que o helenismo levava vantagem e a imagem deste humanista italiano, em terras francófonas, não era propriamente a de alguém bem quisto, como já se viu acima, na opinião de Erasmo. Mas também François Rabelais, em carta dirigida ao humanista de Roterdão, no início de Dezembro de 1532, evidencia a hostilidade a que era votado Júlio César Escalígero, apodando-o de ateu, não em latim, mas em grego (*atheos*), como sucedia habitualmente na correspondência entre os humanistas, quando temiam alguma indiscrição, como refere Jean Plattard, a propósito desta carta, na biografia que publicou de François Rabelais. Esta carta é ainda importante pelo facto de sugerir que a edição da resposta do humanista paduense ao *Ciceronianus* terá sido comprada pelos amigos parisienses de Erasmo para assim se assegurarem da sua completa destruição<sup>29</sup>.

## Bibliografia

Billanovich, M. (1968). “Benedetto Bordon e Giulio Cesare Scaligero”, *Italia Medievale e Humanistica* 11: 187-256.

Cícero, Marco Túlio (2008). *Tratado da República*. Tradução do latim, introdução e notas de Francisco de Oliveira. Mem Martins: Círculo de Leitores e Temas e Debates.

Scaliger, Jules-Cesar (1994). *La Poétique V, Le Critique*. Présentation, traduction et notes de Jacques Chomarat. Genève: Librairie Droz.

Dainville, François (1978). *L'Éducation des Jésuites (XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles)*. Textes réunis et présentés par Marie-Madeleine Compère. Paris: Les Éditions de Minuit.

Eire, A. López (2007). “Aproximación a la poética de Julio César Escalígero”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 9.1: 11-49.

Fumaroli, Marc, (2002). *L'Âge de L'Éloquence. Rhétorique et «res litteraria» de la Renaissance au seuil de l'époque classique*. Genève: Librairie Droz.

Góis, Damião de (2009). *Correspondência Latina*. Estabelecimento do texto latino, introdução, tradução, notas e comentário de Amadeu Torres. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Hall, Jr., Vernon, (1950). “The life of Julius Caesar Scaliger (1484-1558)”, *Transactions of the American Philosophical Society*, n.s., 40: 85-170.

Husband, Terence J. (2013). *Cicero and the moral education of youth*. Washington, D. C.: Georgetown University.

Melo, António Maria Martins (2007). “A glória do divino Virgílio: linhas de leitura para uma compreensão do Livro V, *O Crítico*”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 9.1: 233-255.

Miranda, Margarida (2009). *Código Pedagógico dos Jesuítas*. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus. Regime Escolar e curriculum de estudos. Edição bilingue latim-português. Introdução, versão portuguesa e notas de..., revisão de José Carlos Miranda. Lisboa: Esfera do Caos Editores.

<sup>29</sup> Plattard 1973: 94-95.



Plattard, Jean (1973). *Vie de François Rabelais*. Genève: Slatkine Reprints.

Sánchez Marín, José Antonio, M.<sup>a</sup> Nieves Muñoz Martíns (2007). “La poética de Escalígero: introducción al autor y a su obra”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 9.1: 99-145.

Simonin, Michel (1986). “Les *Poetices Libri Sptem* dans leur fortune: influence ou reputation?”, in C. Balavoine & P. Laurens, *La Statue et l’Empreinte. La Poétique de Sclaiger*. Études réunies et présentées par... Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 49-55.

Soares, Nair de Nazaré Castro (2010). “O Além, a ética e a política: Cícero e D. Jerónimo Osório, *O Cícero Português*”, in Pereira, Virgínia Soares (org.), *O Além, a Ética e a Política. Em torno do Sonho de Cipião*. Famalicão: Edições Húmus. Edição do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

Valla, Lorenzo (1999). *De linguae latinae elegantia / Laurentii Vallensis: ad Ioannem Tortellium Aretinum per me M. Nicolaum Ienson Venetiis opus feliciter impressum est. M.CCC.L.XXI* / Introducción, edición crítica, traducción y notas por Santiago López Moreda. Cáceres: Universidad de Extremadura.

(Página deixada propositadamente em branco)